ARTES PLÁSTICAS

A BELA ARTE DOS CONCRETISTAS

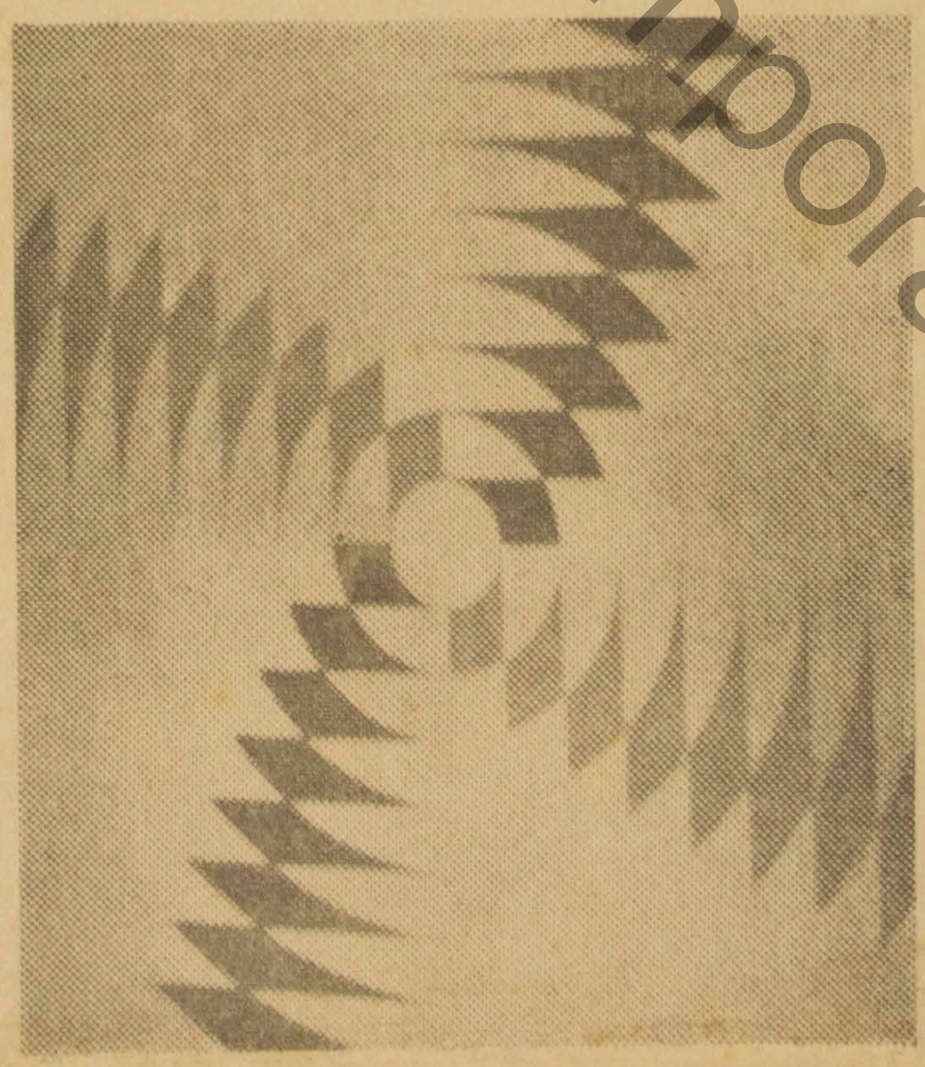
FLÁVIO DE AQUINO

NO Ministério da Educação e Cultura expuseram os Concretistas brasileiro, reunidos a alguns poetas também concretistas. Nesta mostra, no que se refere à pintura, de pronto os dois grupos se diferenciam: o grupo de São Paulo e o do Rio. O primeiro leva os postulados do concretismo até os limites extremos, principalmente no que se refere à estruturação cromática e dinâmica da tela. Dêste grupo, destacam-se logo Maurício N. Lima, Hermelindo Fiaminghi e Luiz Saciloto. Os dois primeiros com absoluta certeza na composição e perfeita consciência dos teoremas plásticos que empregam, o segundo mais livre, menos dinâmico, mais próximo ao abstracionismo simples. Lima e Fiaminghi elaboram com brilhante certeza o deslocamento das figuras geometrizadas em suas telas a linha pura, clássica, desdobra-se cinemàticamente em tôrno de um ponto central criando vazios e cheios, emoções regradas e límpidas como as que geram o ponto e o contra-ponto numa fuga de Bach. Da teoria dos deslocamentos e desdobramentos sucessivos e cinemáticos, do movimento interior das figuras nasceram obras de arte.

No grupo do Rio destacam-se Ivan Serpa, Hélio Oiticica, Décio Vieira, Aluízio Carvão e Lygia Clark, na pintura. Lígia Pape e Franz Weissman na gravura e na escultura. Êste grupo prefere mais a composição estática, baseada na sobriedade das côres e nos ritmos verticais e horizontais combinados; enquanto que o grupo paulista define-se mais pelo movimento circular, pela repetição ritmica das figuras geométricas. Os artistas cariocas criam também algumas peças de excelente nível pictórico. Preside-os sempre o bom-gôsto, a fineza e sobriedade das côres, o desejo de criar uma arte sóbria, de inegável honestidade. Estão êles mais ligados ao néo-plasticismo e ao suprematismo; enquanto os de São Paulo estão mais próximos do concretismo.

Os concretistas de São Paulo e os do Rio conseguiram, como movimento artístico coletivo, além de uma arte de indiscutível merecimento, atingir um "metier" raro entre nós. A gramática pictórica do cubismo, desprezada por quase todos os nossos pintores da primeira geração moderna, está agora sendo retomada, através do concretismo, pela nova geração de artistas. Achamos que isso será extremamente salutar para a nossa arte do futuro.

Alguns críticos, principalmente os mais comovidos pelas atrações do "motivo" na pintura, procuram negar valor expressivo a esta arte que pejorativamente classificam de "decorativa". Profetizam, também, que não pode nem deve ela vingar entre nós por ser de proveniência estrangeira e conter elementos pouco assimiláveis pela nossa personalidade. Hoje o conceito do "decorativo" em arte mudou tanto que necessita de nova enunciação. Uma pintura pode conter elementos decorativos, ser feita em função de um todo arquitetônico e ser ao mesmo tempo expressiva. A história da arte contém disso mil exemplos. A arte moderna, por outro lado, é uma arte internacionalizada, tendendo cada vez mais para a universalização, para a elaboração de uma linguagem comum a todos os povos; a isso não escaparam os jovens concretistas como tampouco escaparam os nossos figurativos, chamem-se êles Portinari, Di Cavalcanti, Segall ou Guignard.



instituto de arte contemporânea